

MUDANÇA E ESTABILIDADE EM CONSTRUÇÕES “PASSIVAS” NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS

CHANGE AND STABILITY IN “PASSIVE” CONSTRUCTIONS IN THE HISTORY OF PORTUGUESE

Silvia Regina de Oliveira Cavalcante
Universidade Federal de Rio de Janeiro
silviare@gmail.com

Neste trabalho, procuro associar as análises teóricas dentro do Programa Minimalista para as construções com SE ao seu comportamento ao longo do tempo nos dados do Corpus Tycho Brahe, em comparação com o comportamento dos sujeitos ao longo do tempo (séculos XVI a XIX). As diferenças que aparecem nos padrões estatísticos de argumentos pré-verbais, pós-verbais e nulos permitiram corroborar análises teóricas que consideram tais construções ativas e não passivas. Além disso, procuro contribuir para o entendimento da mudança linguística que ocorre do SE como um morfema passivo para o SE como um argumento, e proponho uma análise teórica para as construções com SE que dê conta do comportamento estatístico dos dados associando a proposta de Raposo e Uriagereka (1996) sobre a motivação de um núcleo F(orce) com a de D’Alessandro (2003) sobre a maneira como o objeto checa Caso nominativo.

Palavras-Chave: posição de sujeito, mudança linguística, construções com SE

Key-words: subject position, linguistic change, SE-constructions

In this paper, I associate Minimalist analyses of SE-constructions in a diachronic pattern compared to the behavior of subjects in the Tycho Brahe Corpus (from 16th to 19th centuries). The different statistical patterns that pre-verbal, post-verbal and null arguments present along the time allowed me to corroborate theoretical approaches that consider SE-constructions as active not passive ones. Besides that, I intend to contribute to the understanding of the linguistic change that SE undergoes from being a passive morpheme into an argument, and I propose a theoretical analysis for the SE-constructions that makes account of the statistical behavior of the data associating Raposo & Uriagereka (1996)’s motivation for an F(orce) head with D’Alessandro (2003)’s analysis on how the object checks Nominative Case.

(Recibido: 30/1/15; Aceptado: 7/10/15)

1. INTRODUÇÃO

Na literatura sobre a sintaxe das línguas românicas, as chamadas construções com SE apresentam um desafio para a Teoria do Caso devido à possibilidade de concordância entre o verbo e seu DP argumento interno plural. Exemplos como (1) a seguir têm sido analisados como instâncias de SE-passivo, não só na tradição gramatical como também dentro dos estudos gerativistas:

1. Alugam-se apartamentos para estudantes.

A maioria dos trabalhos dentro do quadro gerativista, principalmente no modelo de Regência e Ligação, defende que essas construções sejam consideradas passivas, e se assemelham a construções inacusativas, em que o DP argumento interno recebe Caso Nominativo (Manzini 1986), (Cinque 1988), (Nunes 1990), (Dobrovie-Sorin 1998), (Mateus *et al.* 2003), (Cyrino 2007). Além disso, o DP argumento interno se move para a posição de sujeito quando pré-verbal, e, quando *in situ*, está associado com um expletivo nulo na posição de sujeito (Cinque 1988), (Dobrovie-Sorin 1998). Esse seria um caso de SE-passivo-acusativo. Por outro lado, construções como (2) em que não ocorre concordância entre o verbo e o DP argumento interno plural são analisadas como sentenças ativas, em que o DP argumento interno é o objeto. Nessas construções o SE é classificado como SE-impessoal, SE-nominativo ou SE-genérico.

2. Aluga-se apartamentos para estudantes.

Análises dentro do Programa Minimalista (Chomsky 1995; 1999; 2000), entretanto argumentam que construções como (1) acima não devam ser consideradas construções passivas, o DP argumento interno não é um sujeito, tampouco está diretamente associado a uma posição de sujeito. Raposo e Uriagereka (1996) argumentam que no Português Europeu as construções com SE com concordância entre o verbo e o DP argumento interno plural como (1) são construções de SE-indefinido, em que o argumento interno é um objeto marcado com Caso Nominativo e o clítico SE é o sujeito. D’Alessandro (2003) analisa construções similares em Italiano como casos de construções de sujeito oblíquo (“*quirky subject constructions*”), com concordância entre o verbo e o objeto¹.

Neste artigo, proponho uma alternativa à ideia de Raposo e Uriagereka (1996), a partir de uma análise quantitativa das construções de SE-indefinido no Corpus Anotado do Português Histórico – Corpus Tycho Brahe – composto de textos de autores portugueses nascidos entre os séculos XVI e XIX. Argumentarei aqui que a construção de SE-indefinido deva ser analisada como uma construção ativa em que o sujeito é o clítico SE. O clítico SE é marcado com Caso oblíquo, carrega os traços [+humano, +agente] de argumento externo, e checka seu Caso numa relação de Sonda-Alvo com o núcleo T (Chomsky, 1999).

Os objetivos principais deste trabalho são: (a) descrever o padrão de uso das construções de SE-indefinido no Corpus Tycho Brahe, numa comparação com as construções passivas canônicas e outros usos do SE, como exemplificado em (3); (b) apresentar uma proposta de análise do fenômeno considerando questões de checagem (ou valoração) de Caso; (c) comparar essas construções com construções semelhantes em outras línguas como o islandês, o italiano e o finlandês; e (d) relacionar o comportamento da construção de SE-indefinido com outras mudanças que ocorrem na história do Português a partir do século XVIII, especialmente a mudança na posição

¹ As várias denominações do clítico SE na literatura são decorrentes das análises feitas sobre o fenômeno. Neste artigo não será diferente: a escolha por rotular o SE como SE-indefinido (seguindo Raposo e Uriagereka, 1996) se dá por motivos teóricos e pela maneira como resolvi analisar o SE.

do sujeito verificada a partir de dados do Corpus Tycho Brahe (Galves e Paixão de Sousa 2005), (Cavalcante, Galves e Paixão de Sousa 2010).

3. a. Pròximamente, no ano de mil seiscentos cincoenta e cinco, **se cativaram** no rio das Amazonas dois mil índios (CTB, século XVII)
- b. Seu corpo **foi enterrado** o mais solememente que pôde ser, com grande dor, e sentimento de todos, de que era muito amado, como era razão o fosse um Rei, que tinha saído das trevas de sua cegueira, e entrado na luz da verdade do Evangelho. (CTB, século XVI)
- c. Os peregrinos em número de mais de mil **reuniram-se** na capela especial da Virgen del Pilar... (CTB, século XIX)

2. O PROBLEMA

Dentro do modelo de Regência e Ligação, muitos esforços foram feitos para entender a natureza sintática das construções com SE, como ilustrado em (4), na maioria das vezes relacionando essas construções à Teoria do Caso. Basicamente, as propostas principais associam essas construções a construções inacusativas, como as passivas analíticas (5) e construções inacusativas em (6) (Mateus *et al.* 2003: 532):

4. **Venderam-se** muitas casas.
5. **Foram vendidas** muitas casas.
6. **O copo** quebrou.

Desconsiderando-se que semanticamente, uma “passiva sintética” não corresponde a uma passiva analítica, tanto a análise das Gramáticas Tradicionais (Cavalcante, 2009) quanto as análises dentro do modelo de Regência e Ligação as consideram construções passivas. Esse tipo de análise apresenta um problema teórico para resolver: como o argumento interno, que ocorre preferencialmente na posição pós-verbal, recebe Caso Nominativo? A solução encontrada é associar construções de SE- “passivo” (4) a construções inacusativas, como (5) e (6): o DP argumento interno recebe Caso Nominativo via Cadeia com um expletivo na posição de sujeito ([Spec, IP]); e quando anteposto, recebe o Caso Nominativo na posição de sujeito.

As construções sem concordância (7) são analisadas como instâncias do SE-nominativo (ou impessoal, ou genérico), em que o DP argumento interno recebe Caso acusativo e o SE é indexado a um *pro* na posição de sujeito.

7. **Vende-se** casas.

De acordo com Mateus *et al.* (2003: 532), o SE-nominativo é analisado como um clítico argumental que possui referência arbitrária. Já o SE-passivo recebe o papel temático externo do verbo e ocupa a posição de especificador de VP. Esse clítico funciona como um morfema passivo, pois “*ele absorve (ou elimina) o traço casual acusativo do verbo, forçando o argumento interno directo deslocar-se para aceder ao Caso nominativo*”. (Mateus *et al.* 2003: 532).

Os padrões de concordância e não-concordância nas construções com SE e verbo transitivo são explicados pela existência de dois tipos de SE: o SE-passivo é um morfema que carrega o papel temático externo do verbo e impede que o argumento interno receba Caso acusativo; o SE-nominativo é um elemento lexical, um argumento que possui os traços [+humano, -definido]. Como se pode ver, o diagnóstico principal para distinguir um SE de outro está relacionado ao padrão de concordância. Assim, exemplos como (8) a seguir são considerados ambíguos (entre um SE passivo e um SE nominativo) porque o DP argumento interno está no singular:

8. a. **Descobriu-se** uma fuga no reactor nuclear. (Mateus *et al.* 2003: 532)
Int1: Foi descoberta uma fuga no reactor nuclear.
Int2: Alguém descobriu uma fuga no reactor nuclear.

- b. **Assaltou-se** uma carrinha de transporte de valores.
 Int1: Foi assaltada uma carrinha de transporte de valores.
 Int2: Alguém assaltou uma carrinha de transporte de valores.

Se só utilizarmos como diagnóstico os padrões de concordância para distinguir entre uma sentença passiva e uma sentença ativa com SE, muitos problemas continuam sem solução, principalmente duas mudanças linguísticas que podem estar relacionadas: a que afetou as verdadeiras construções de SE-passivo e a que afetou a posição do sujeito na história do português. Consideremos em primeiro lugar, a mudança que afeta as construções de SE-passivo.

De acordo com Naro (1976), uma reanálise sintática aconteceu por volta dos séculos XV e XVI que fez com que sentenças como (9) fossem interpretadas como sentenças ativas, por causa da opcionalidade do PP argumento externo:

9. a. Por elle o mar remoto navegamos / Que só de feos phocas se navega. (Os Lusíadas, L. Camões)
 b. Aqui **se escreverão** novas historias / Por gentes estrangeiras que virão. (Os Lusíadas, L. Camões)

A evidência seria o desaparecimento do PP argumento externo que fora possível nessas construções e que era opcional tanto nas sentenças com SE, quanto nas passivas canônicas. Assim (10a) e (10b) eram possíveis no português do século XV, de acordo com Naro (1976):

10. a. e porrem **se lee** este evangelho pelo padre na festa da trindade.
 b. e porrem **se lee** este evangelho na festa da trindade.

Naro (1976) defende que a construção de SE-passivo com a forma NP2 V-se por NP1 (onde NP2 é o argumento interno e NP1 é o argumento externo) alterna com a forma SE V NP2, que poderia ser reinterpretada como uma sentença ativa, como mostra a comparação em (11):

11. a. & porrem **se lee** este evangelho na festa da trindade.
 b. & porrem **o padre lee** este evangelho na festa da trindade.

A similaridade entre sentenças ativas e sentenças passivas com SE-passivo sem um PP argumento externo e, de acordo com Naro (1976), os índices mais altos de sentenças ativas comparadas às passivas, podem ter sido os gatilhos para a reanálise da construção com SE-passivo como uma sentença ativa em que o SE seria o sujeito. Essa interpretação, entretanto, não seria possível se o PP argumento externo estivesse presente, porque seria considerado o sujeito semântico. Naro (1976) analisa o aparecimento de sentenças sem concordância como (7) acima como evidência do resultado da reanálise, não o gatilho.

Raposo e Uriagereka (1996) trazem um conjunto diferente de dados que prova que nas construções com SE o DP argumento interno não está na posição de sujeito ou associado a ela via CADEIA; mas é analisado como um objeto nominativo.

Segundo eles, essas construções devem ser chamadas de construções com SE-indefinido, porque não são construções passivas e eles explicam como ocorre concordância entre o verbo e o objeto nominativo seguindo a Teoria de Checagem de Traços de Chomsky (1995).

Raposo e Uriagereka (1996) demonstram que o DP, quando movido da posição de objeto, ocupa, na realidade, uma posição na periferia esquerda da sentença, uma posição de tópico ([Spec, F]), especificador no núcleo F(orce)P, com base na comparação entre as construções de SE-indefinido e as passivas analíticas. Raposo e Uriagereka (1996) assumem a proposta de Uriagereka (1995) segundo a qual no PE existe um núcleo funcional F(orce)P responsável por codificar a estrutura de informação da sentença: tópico, foco, ênfase, contraste, etc. Nas palavras de Uriagereka (1995: 155):

All I mean is this: F encodes point of view. The claim is that all information theoretic operations need to be mediated through a point of view. That is, when emphasis appears in a sentence, someone is responsible for that emphasis. Old or new information is old or new for someone. Even the usage of a referring expression presupposes a speaker who assumes responsibility (mistakenly or otherwise) for calling someone Smith's murderer or Jones, and similar issues arise for deixis, anaphora, etc." (Uriagereka 1995: 155)²

Desse modo, o constituinte que se move para [Spec, FP] tem que checar traços relacionados à força ilocucionária da sentença. Essa checagem pode ser aberta (e aí se vê o movimento) ou somente de traços (o elemento permanece *in situ*). Eles demonstram que o DP argumento interno das construções de SE-indefinido se move para a posição de tópico, comparando o seu comportamento com o comportamento dos sujeitos das construções passivas analíticas.

Em sentenças infinitivas, é permitido um sujeito tanto em sentenças ativas, quanto em sentenças passivas (12). Nas construções de SE-indefinido, o DP argumento interno só pode aparecer na posição pós-verbal (13):

12. a. Vai ser difícil os tribunais **aceitarem** os documentos.
 b. Vai ser difícil os documentos **serem aceitos**.
13. a. Vai ser difícil *pro* **aceitarem-se** os documentos.
 b. * Vai ser difícil [[os documentos]_i; **aceitarem-se** t_i].

Essa assimetria entre as sentenças infinitivas desaparece nas sentenças encaixadas finitas: (14) mostra que o DP argumento interno pode ocupar a posição pré-verbal tanto em passivas quanto nas construções de SE-indefinido:

14. a. Vai ser difícil que os documentos **sejam aceitos**.
 b. Vai ser difícil que os documentos **se aceitem**.

Raposo e Uriagereka (1996) mostram que a distribuição peculiar do DP argumento interno das construções de SE-indefinido é semelhante ao comportamento de tópicos em sentenças encaixadas. Um tópico é possível em sentenças encaixadas finitas, mas é excluído em sentenças encaixadas infinitivas, como mostra o contraste em (15):

15. a. Vai ser difícil que esses documentos, o tribunal (os) **possa** aceitar.
 b. * Vai ser difícil esses documentos, os tribunais **aceitarem**(-nos).

Em PE, NPs nus são permitidos em posição de objeto, não em posição de sujeito, como mostra o contraste em (16). NPs nus podem ocupar a posição de tópico, quando eles ligam uma categoria vazia na posição de objeto, e não de sujeito (17). Como esperado, em construções de SE-indefinido, os NPs nus podem ocupar tanto a posição de objeto quando a posição pré-verbal, o que só explicado se eles estiverem na posição de tópico (18):

16. a. O Nestor **compra** salsichas no talho Sanzot.
 b. *Salsichas **são compradas** no talho Sanzot.
 c. *Salsichas **custam** caro no talho Sanzot.
17. a. Salsichas, o Nestor **compra** [-] no talho Sanzot.
 b. * Salsichas, [-] **são compradas** no talho Sanzot.
 c. * Salsichas, [-] **custam** caro no talho Sanzot.

² O que eu quero dizer é o seguinte: F codifica ponto de vista. A assunção aqui é que as operações teóricas de toda informação precisam ser mediadas através de um ponto de vista. Isto é, quando a ênfase aparece na sentença, alguém é responsável por essa ênfase. Informação nova ou velha é nova ou velha para alguém. Até mesmo o uso de uma expressão referencial pressupõe um falante que assumia a responsabilidade (erradamente ou não) por chamar alguém de o assassino do Smith ou Jones, e as mesmas questões surgem para dêixis, anáfora, etc.

18. a. **Vendem-se** salsichas no talho Sanzot.
 b. Salsichas, **vendem-se** no talho Sanzot.

O contraste em (19) a seguir mostra que o DP pré-verbal em construções de SE-indefinido não se move para a posição de sujeito, mas sim para uma posição de tópico. (19a) é ambígua entre uma leitura indefinida e uma leitura recíproca; (19b), por outro lado, tem somente a leitura recíproca:

19. a. Os especialistas **consultaram-se** durante a operação.
 Os especialistas consultaram a si mesmos durante a operação.
 Alguém consultou os especialistas durante a operação.
 b. Em que momento da operação os especialistas **se consultaram**?
 Em que momento da operação os especialistas consultaram a si mesmos?
 NÃO: Em que momento da operação alguém consultou os especialistas?

Esse contraste indica que uma leitura reflexiva/recíproca está associada à posição de [Spec, T], ao passo que a leitura do SE-indefinido está associada à posição [Spec, FP]. A leitura recíproca está disponível em (19b) pois o sintagma interrogativo “em que momento da operação” está na posição de [Spec, FP] e o DP “os especialistas” na posição de sujeito. Quando o DP está na posição de objeto (20a), ou na posição da periferia à esquerda (20b), ambas as leituras são possíveis:

20. a. Em que momento da operação se consultaram os especialistas?
 Em que momento da operação alguém consultou os especialistas?
 Em que momento da operação os especialistas consultaram a si mesmos?
 b. Os especialistas, em que momento da operação se consultaram?
 Os especialistas, em que momento da operação alguém os consultou?
 Os especialistas, em que momento da operação consultaram a si mesmos?

Este conjunto de dados é suficiente para concluirmos que o DP pré-verbal nas construções de SE-indefinido não se move para a posição de sujeito, mas sim para uma posição de tópico. A questão ainda a ser respondida reside em questões de checagem de Caso e, por consequência, padrões de concordância. Raposo e Uriagereka (1996) propõem que (a) SE é um DP mínimo, tem traços semânticos {[humano], [indefinido]}, como PRO. Assim, SE checa o traço-D de T, e recebe, como PRO, Caso Nulo; (b) no PE há duas posições disponíveis para checagem de Caso nominativo: especificador de T(ense) ([Spec, T]) e especificador de F(orça) ([Spec, F]). O DP nas construções de SE-indefinido tem o seu Caso nominativo checado na posição de especificador de F(orça) ([Spec, F]), ou abertamente (gerando a ordem DP SE V) ou com movimento somente dos traços (gerando a ordem SE V DP). Essa análise soluciona o problema de o DP argumento interno apresentar uma relação de concordância com o verbo mas não ocupar a posição de sujeito.

Os aspectos mais relevantes da análise de Raposo e Uriagereka (1996) para a proposta aqui defendida estão relacionados à forte evidência empírica na qual os autores se baseiam para propor que as construções com SE sejam de fato sentenças ativas, e não passivas e que o objeto checa Caso nominativo. Do ponto de vista teórico, como adequação explicativa, esse é um ponto importante porque essas análises dão conta para o fato de o Português Europeu permitir sujeitos não-Nominativos (SE é analisado como sujeito) e suas consequências vão em duas direções: (1) a noção de sujeito como uma noção posicional e (2) a relação entre Caso e hierarquia de papéis temáticos.

Sobre a noção de sujeito, Raposo e Uriagereka (1996: 800) afirmam que:

“We have provided arguments that the agreeing DP in these constructions is not a full subject, contrary to the agreeing DP of passive and unaccusative structures. This raised a number of important questions in relation to where it moves, how it agrees with the verb, and what Case it gets. These matters are important for a proper understanding of what a ‘subject’ is.

If we understand this notion to refer to the element that occupies [Spec, T], then the agreeing DP of the SE construction is not a subject. If we understand it as referring to the element that bears nominative Case and triggers verbal agreement, then we have to relax the positional characterization”³. (Raposo & Uriagereka 1996: 800)

Com relação à correspondência Caso-Papel Temático, as construções de SE-indefinido são um contra-exemplo para o Caso nominativo ser associado a papéis temáticos mais altos na hierarquia temática. A exceção dessa regra tem sido chamada de *quirky-subject* – sujeito oblíquo, como apontado por D’Alessandro (2003:1):

In Nominative-Accusative languages, Nominative case is usually associated with the highest θ -role (Agent or Experiencer), while Accusative case is associated with a lower θ -role, such as Patient or Theme. An exception to this are the so-called quirky dative (or quirky subject) constructions. In these constructions, the Patient or the Theme gets Nominative case, while the Agent or the Experiencer surfaces as quirky dative. This dative is called quirky because datives are usually associated with Benefactives or Goals but not with Agents or Experiencers⁴. (D’Alessandro, 2003: 1)

Essa característica já foi há muito descrita para o Islandês e o sujeito oblíquo (não-nominativo) foi chamado *Quirky-subject*. Nesse aspecto, acredito que o PE se assemelhe um pouco ao Islandês, pelo menos nas construções de SE-indefinido. Em Islandês, como mostra Sigurdsson (2009), o sujeito oblíquo pode ser marcado com Caso dativo (21) ou com Caso Acusativo (22):

21. a. **Henni** leiddust strákar
her.DAT bored-3PL the boys-PL.NOM
‘She found the boys boring’
b. **Henni** líkuðu hestarnir.
her.DAT liked horses.the.NOM
‘She liked the horses.’
22. a. **Hana** vantaði peninga.
her.ACC lacked money.ACC
‘She lacked money.’
b. **Okkur** vantaði vinnu.
us.ACC lacked job.ACC
‘We lacked/were in need of a job.’

Em (21), os argumentos com papel temático de Tema *strákar* e *hestarnir* são marcados com nominativo e entram numa relação de concordância com o verbo, e o Experienciador *henni* é marcado com dativo; em (22) os Temas *hana* e *okkur* são marcados com nominativo e os Experienciadores e com acusativo.

D’Alessandro (2003) analisa as construções com si-impessoal do Italiano (23) como casos de sujeito oblíquo comparando-as aos sujeitos oblíquos do Islandês (Sigurdsson, 1996) baseando-se nos argumentos de que as construções de si-impessoal apresentam alguma semelhança com os sujeitos oblíquos do Islandês.

³ “Apresentamos argumentos que o DP com concordância nessas construções não é um sujeito na sua totalidade, como o é o DP com concordância de construções passivas e inacusativas. Isso levantou algumas questões importantes em relação a para onde ele se move, como ele concorda com o verbo e que Caso ele recebe. Essas questões são importantes para um entendimento certo do que um ‘sujeito’ é. Se entendemos que essa noção se refere ao elemento que ocupa a posição de [Spec, T], então o DP com concordância das construções com SE não é um sujeito. Se entendemos sujeito como o elemento que recebe Caso nominativo e desencadeia a concordância verbal, então temos que relaxar com relação à caracterização posicional.” [minha tradução]

⁴ “Em línguas de Nominativo-Acusativo, o Caso nominativo é geralmente associado ao papel temático mais alto (Agente ou Experienciador), enquanto o Caso acusativo é associado com um papel temático mais baixo, como Paciente ou Tema.

Uma exceção para isso são as construções de quirky dative (ou quirky subject). Nessas construções, o Paciente ou o Tema recebe o Caso nominativo, enquanto o Agente ou o Experienciador aparece com Caso dativo quirky. Esse dativo é chamado ‘quirky’ porque geralmente dativos são associados aos papéis temáticos de Benefactivo ou Alvo, mas não Agentes ou Experienciadores.” [minha tradução]

23. a. In Italia si mangiano gli spaghetti
 in Italy si eat-3RD PL the spaghetti-MASC PL NOM
 'In Italy one eats spaghetti'

Seguindo o aparato teórico de Chomsky (1999), D'Alessandro (2003: 11) analisa as construções de *si*-impessoal do Italiano sob as seguintes assunções: (a) Os traços não valorados (não interpretáveis) dos itens lexicais devem ser valorados (e eliminados) na sintaxe durante a derivação, antes de chegar aos níveis de interface PF ou LF; (b) a valoração dos traços ocorre numa relação de Match de traços- ϕ e Agree; (c) Agree não ocorre necessariamente numa configuração Especificador-Núcleo, mas ela pode ocorrer à longa distância, sujeita a condições de localidade.

As construções de *si*-impessoal, tais como as construções de sujeito oblíquo do Islandês (Sigurdsson, 2004; 2009) têm em comum o fato de que o objeto-nominativo deve estar na terceira pessoa (há uma restrição de pessoa no objeto-nominativo), e esse fato é crucial para a proposta de D'Alessandro. O traço de pessoa é considerado o mais importante para as operações de Match e Agree, de modo que o *si* será o elemento que vai valorar o traço de pessoa em T:

By observing the agreement facts of *si* impersonal constructions, and especially the fact that the verb always shows 3rd person inflection, one might be tempted to conclude that *si* is 3rd person. According to Benveniste (1966), 3rd person is lack of person, and therefore *si* should lack a person feature. As we have observed before, however, the intrinsic animacy of *si* and the fact that *si* has reflexive morphology both indicate that *si* actually has a person feature. The person feature on *si* is not specified. It is worth observing, though, that the interpretation of impersonal *si* constructions varies between an inclusive reading ('we' reading) and an exclusive one. D'Alessandro (2003: 11)⁵

A derivação de sentenças como (23) acima, segundo D'Alessandro (2003: 11), é a seguinte:

- O DP *gli spaghetti* é concatenado com o verbo e recebe papel temático interno. Esse DP precisa ter seu traço de Caso valorado.
- Um *v* defectivo é concatenado com o VP. Esse *v* não atribui Caso acusativo.
- O DP objeto permanece sem Caso, porque *v* não pode valorar seus traços de Caso.
- *Si* é concatenado na posição de especificador de *v*, e lá ele recebe dativo "quirky".
- O núcleo T é concatenado. O verbo se move para T.
- Logo depois da concatenação de T, uma relação de Agree entre T e o DP objeto se estabelece; e o objeto recebe nominativo.
- O *si* se cliticiza no T, incorporando no núcleo T (Chomsky, 1995).

O objeto-nominativo não tem um traço de pessoa, assim é o *si* em T que valoriza o traço de pessoa de T. *Si* só tem um traço de pessoa por causa da sua animacidade intrínseca, o que não ocorre com o objeto-nominativo. Sigurdsson (2004), por outro lado, argumenta que os sujeitos oblíquos do Islandês se comportam como sujeitos nominativos "comuns" sem postular que em Islandês esses sujeitos recebam caso nominativo "escondidos" ou "invisíveis" morfologicamente. Essa observação parte do fato de que em Islandês existe uma restrição de pessoa para o objeto nominativo. Vejamos o contraste em (24) a seguir:

24. a. Honum mundu alltaf líka þeir.
 him.DAT would.3PL always like they.NOM
 'He would always like them.'

ok 3P.AGR-3P.NOM

⁵ A observação dos padrões de concordância das construções de *si*-impessoal, e principalmente o fato de que o verbo sempre mostra flexão de 3ª. pessoa, pode-se ficar tentado a concluir que o *si* é 3ª. pessoa. Segundo Benveniste (1966), a 3ª. pessoa é a falta de pessoa, e assim o *si* deveria não apresentar um traço de pessoa. Entretanto, como observamos anteriormente, a animacidade intrínseca do *si* e o fato de que ele apresenta morfologia reflexiva indicam que o *si* de fato tenha um traço de pessoa. O traço de pessoa no *si* não é especificado. Vale observar, entretanto, que a interpretação impessoal das construções com *si* varia entre uma leitura inclusiva ("nós") e uma exclusiva ("eles"). [minha tradução]

- b. *Honum munduð alltaf líka þið. *2P.AGR-2P.NOM
him.DAT would.2PL always like you.NOM.PL
[i.e. 'He would always like you']
- c. *Honum mundum alltaf líka við. *1P.AGR-1P.NOM
him.DAT would.1PL always like we.NOM
[i.e. 'He would always like us']

Sigurðsson (2004) assume que a relação Matching seja entre Person (PersonP) com um verbo finito da sentença, assim:

Matching of Person (or of an EPP feature on Person) is arguably also the driving force behind 'high' Verb Raising of the Italian type as well as of 'high' NP-movement of the English type, both processes moving a 'personal' element to the left edge of the clause (Sigurðsson 2003, inspired by Alexiadou and Anagnostopoulou 1998). Thus, Person Matching is really doing the 'work' that has standardly been ascribed – in part – to structural nominative case. (Sigurðsson 2004)

Desse modo, pode-se dizer que em algumas línguas, Pessoa tem um traço EPP que causa o movimento do DP para a posição [Spec, T].

Minha proposta aqui leva em conta, não só as análises teóricas do fenômeno, mas também as evidências empíricas para as análises teóricas. O ponto principal das análises apresentadas é que nas construções de SE-indefinido o DP argumento interno não ocupa a posição de sujeito, apesar de apresentar concordância verbal e Caso nominativo. Desse modo, dada a natureza diacrônica deste trabalho, é importante considerar também os resultados de estudos sobre a mudança linguística que afeta a posição sujeito.

Estudos diacrônicos com base em dados extraídos do Corpus Tycho Brahe têm mostrado uma mudança na posição do sujeito na história do Português (Galves e Paixão de Sousa 2005), (Cavalcante, Galves e Paixão de Sousa 2010). Cavalcante, Galves e Paixão de Sousa (2010) mostram a mudança que afeta a posição do sujeito no período compreendido entre os séculos XVI e XIX. Na gramática do Português Médio, com características de língua V2, a posição canônica do sujeito é pós-verbal; a posição pré-verbal caracteriza-se por uma posição de elementos topicalizados ou deslocados. A mudança começa a aparecer em textos de autores nascidos a partir do século XVIII em que a posição pré-verbal passa a ser a posição de sujeito. Mas que tipo de padrões de SV e VS aparecem ao longo do tempo? Isso podemos ver com os resultados apresentados no Gráfico 1, a seguir, que traz a evolução dos padrões de V1, V2 e V3 ao longo do tempo, no Corpus Tycho Brahe:

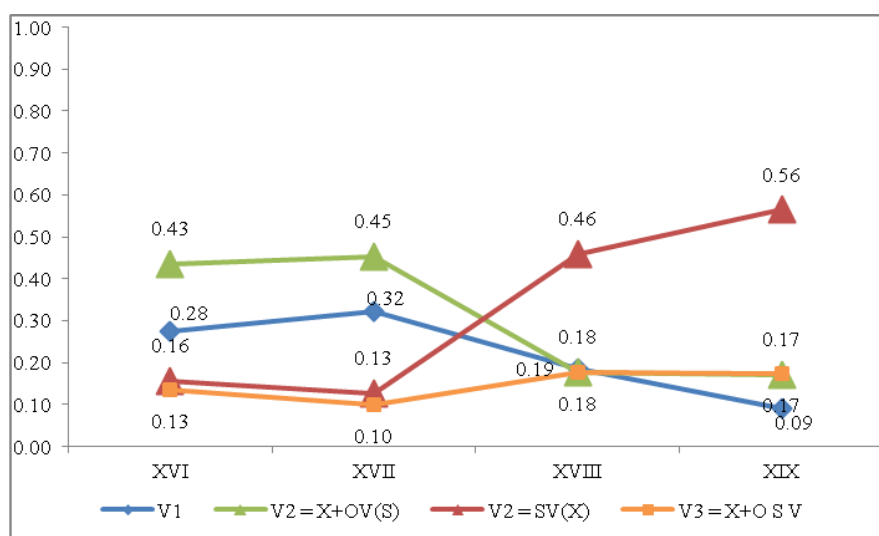


Gráfico 1: Evolução de V1, V2 e V3 ao longo do tempo no Corpus Tycho Brahe. (Cavalcante, Galves e Paixão de Sousa, 2010)

Como se pode perceber, o tipo de “V2” que mais aumenta ao longo do tempo é o relacionado às construções SV, ao passo que o V2 de construções com objeto topicalizado são as que apresentam a curva de queda mais acentuada. Em Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), Galves e Paixão de Sousa (2005), Cavalcante, Galves e Paixão de Sousa (2010) estes dados são ainda mais explorados, e tomados como reveladores da emergência de uma nova gramática, o Português Europeu, no início do século XVIII. A gramática moderna difere da gramática clássica, essencialmente, no que diz respeito à posição estrutural dos sujeitos: até o século XVIII não havia uma posição pré-verbal específica para sujeitos em Português. Em vez disso, a posição pré-verbal poderia ser preenchida por qualquer elemento frontado, como mostra o comportamento das sentenças XVS em textos do século XVI e XVII. Nesse sentido, a posição imediatamente pré-verbal no Português Clássico é uma posição de constituintes pragmaticamente proeminentes; não é uma posição de sujeitos, embora um constituinte pragmaticamente proeminente obviamente, pode (e em muitos casos, naturalmente, vai) coincidir com o sujeito gramatical.

Tendo em vista as propostas apresentadas aqui, e o comportamento dos sujeitos ao longo do tempo, levanto as seguintes hipóteses para a análise das construções com SE-indefinido na história do português:

- As construções de SE-indefinido não envolvem movimento do DP argumento interno para a posição de sujeito, mas sim para a posição de tópico (Raposo e Uriagereka, 1996);
- O PE tem uma posição F disponível acima da posição de sujeito, responsável pela força ilocucionária da sentença (Uriagereka 1995);
- SE é um pronome, tem um traço de pessoa e é capaz de valorar o traço de Pessoa de T (D’Alessandro 2003), (Sigurdsson 2004);
- Esse traço de Pessoa no PE satisfaz o EPP na posição de [Spec, T].
- As diferenças sintáticas entre as construções com SE-indefinido (que envolvem construções de concordância com o objeto-nominativo) e as construções passivas e ativas (que envolvem um DP sujeito) aparecem no padrão estatístico dos dados ao longo do tempo, como veremos na próxima seção.

3. AS “GRAMÁTICAS” DO PORTUGUÊS: RESULTADOS QUANTITATIVOS

Foram considerados para análise 21 textos de 20 autores⁶ portugueses nascidos entre os séculos XVI e XIX integrantes do *Corpus Tycho Brahe*. Todos os textos estão etiquetados morfológicamente e os dados foram retirados através de buscas automáticas, o que me permitiu analisar um universo de 1714 dados. Em seguida os dados foram codificados e submetidos ao programa Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte e Smith, 2005) para o controle dos padrões estatísticos.

⁶ Os autores contemplados: Fernão Mendes Pinto (1510-1583) *Peregrinação*; Diogo do Couto (1542-1606) *Décadas*; Luis de Sousa (1556-1632) *Vida de Frei Bertolameu dos Mártires*; F. Rodrigues Lobo (1579-1621) *Côrte na Aldeia e Noites de Inverno*; Manuel de Galhegos (1597-1665) *Gazeta em que se relatam as novas todas que ouve nesta corte*; Manuel da Costa (1601-1667) *A arte de furtar*; Antonio Vieira (1608-1697) *Cartas e Sermões*; J. Cunha Brochado (1651-1735) *Cartas*; Maria do Céu (1658-1753) *Rellação da Vida e Morte da Serva de Deos a Veneravel Madre Ellena da Crus*; Andre de Barros (1675-1754) *Obra*; Cavaleiro de Oliveira (1702-1783) *Cartas*; Matias Aires (1705-1763) *Reflexão sobre a vaidade dos homens e Carta sobre a Fortuna*; Antonio Verney (1713-1792) *Verdadeiro Método de Estudar*; Antonio da Costa (n.1714) *Cartas do Abade Antônio da Costa*; Correia Garção (1724-1772) *Obras Completas*; Marquesa D’Alorna (1750-1839) *Cartas*; Almeida Garrett (1799-1854) *Viagens na Minha Terra*; Marques de Fronteira e Alorna (1802-1881) *Memórias do Marquês de Fronteira e Alorna*; Ramalho Ortigão (1836-1915) *Cartas a Emilia*. Os textos estão disponíveis em <www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus>.

Para demonstrar a diferença no estatuto dos DPs considerados “sujeito” nas construções tradicionalmente classificadas como passivas sintéticas, aqui chamadas de SE-indefinido, e os DPs sujeitos das construções passivas analíticas e construções ativas (com outros tipos de SE, como o inerente, ergativo, reflexivo, recíproco), considero três pontos a serem levados em conta na análise quantitativa:

(A) A frequência de argumentos nulos em relação aos preenchidos (pré-verbais e pós-verbais) ao longo do tempo:

O Português Clássico e o PE são línguas de Sujeito Nulo, o que faz com que as taxas de sujeito nulo sejam elevadas, mesmo levando-se em conta a oposição sujeito nulo vs. expresso (pré-verbal e pós-verbal), mas não línguas de objeto nulo. Desse modo, ao controlar o comportamento (a possibilidade e a frequência) de DPs nulos nestas construções, posso verificar se as taxas de DPs nulos das construções com SE-indefinido se assemelham às taxas dos sujeitos nulos das outras construções ou às taxas de objeto nulo que foram verificadas em pesquisas sobre o objeto.

(B) A frequência dos DPs pré-verbais em relação aos pós-verbais ao longo do tempo:

Como vimos, há dois padrões distintos para o comportamento dos sujeitos: entre os séculos XVI e XVII, há preferência pela ordem XVS e, a partir do século XVIII, começa a haver preferência pela ordem SV, de modo que SV é a ordem predominante. Desse modo, seguindo Kroch (1989) se nas construções com SE-indefinido o DP é um sujeito, o seu comportamento ao longo do tempo vai ser semelhante ao comportamento dos sujeitos e a mesma mudança que é verificada para os sujeitos será verificada para esses DPs. Diferentemente dos sujeitos, os complementos tendem ocupar posições mais baixas e, portanto, após o verbo.

O controle da taxa de DPs pós-verbais ao longo do tempo permite que possamos verificar se os DPs das construções com SE-indefinido possuem as mesmas taxas de posposição do que os sujeitos. Caso a frequência de posposição dos DPs nas construções de SE-indefinido seja muito alta, podemos afirmar que se trata de complementos e não sujeitos.

(C) A presença do PP agente da passiva:

Segundo Naro (1976), o PP agente da passiva era facultativo nas construções com SE (e, também nas passivas analíticas), fazendo com que as construções passivas com SE sem agente fossem reanalisadas como construções ativas. Ao controlar a presença do PP agente da passiva, pretendo mostrar nos dados a tendência ao seu desaparecimento ao longo do tempo, o que comprova estarmos diante de construções ativas.

Antes de passar aos resultados gerais, cabe uma nota sobre o padrão de concordância entre o verbo e o argumento interno, uma vez que é esse o diagnóstico padrão para classificar uma construção como passiva de -SE ou ativa com SE-nominativo. O percentual de não-concordância foi próximo de zero nas sentenças matrizes: só foi registrado um caso de não-concordância entre o verbo e seu argumento interno plural (25a). Foram registrados também casos de não-concordância nas sentenças dependentes, como se vê em (25b) a seguir; mas esses casos não foram contados na análise pois estou tratando aqui somente das sentenças matrizes:

25. a. Enquanto ao mais o mesmo que em Lisboa e em nada **se conhece** mais as homogeneidades de raça. (R. Ortigão, n. 1836)

b. Considerar a natureza e segui-la é a regra geral para acertar, porém, havendo licença para ornar as cópias que se fazem dela, ajuntando à escolha favorável que **se elege os aparatos próprios** que se apresentam, pode-se dar alguma liberdade à imaginação, contanto que se não falte à verdade nem ao natural inteiramente. (Cavaleiro de Oliveira, n. 1702)

Os outros casos em que poderia haver um verbo na 3ª. pessoa do plural foram casos em que a concordância é facultativa, uma vez que se trata de DPs coordenados compostos por núcleos no singular, como ilustrado a seguir (26):

26. a. Não **se viu** mais pouca vergonha, nem maior subtileza! (M. da Costa, n. 1601)
 b. Também **se acha** abutua, e a casca chamada Preciosa. (Andre de Barros, n. 1675)
 c. Pelo rio dos Tocantins **se fez esta entrada, e valoroso acometimento** (Andre de Barros, n. 1675)
 d. Uma e outra coisa se deve evitar.(Verney, n. 1713)

O índice de não-concordância que aparece na presente análise feita com base num elevado número de ocorrências nos faz pensar sobre a relevância desse diagnóstico, e somente ele, para determinar o caráter passivo ou não-passivo das construções com SE, principalmente se considerarmos a não-concordância como um diagnóstico para uma reanálise de SE-passivo em SE-nominativo. É por isso que optei por considerar outros fatores sintáticos como diagnóstico para a análise proposta por Raposo e Uriagereka (1996).

3.1 Resultados Gerais

Os resultados gerais trazem a evolução comparada da distribuição dos argumentos (anteposto, posposto e nulo) nas três construções analisadas ao longo do tempo. O Gráfico 2 a seguir nos permite observar dois padrões distintos envolvendo as construções analisadas: o padrão de estabilidade e um padrão de mudança. Esses dois padrões separam os comportamentos dos sujeitos das construções ativas e passivas e o comportamento dos DPs das construções com SE-indefinido.

O padrão de estabilidade é encontrado nas construções com SE-indefinido: ao longo do tempo o índice de argumentos nulos, antepostos e pospostos varia em torno dos mesmos valores. Notamos nessas construções uma preferência pelos argumentos pós-verbais ao longo dos séculos, com índices que ultrapassam os argumentos pós-verbais das construções ativas e passivas.

Por outro lado, o comportamento das sentenças ativas e passivas mostra um padrão de mudança: os DPs sujeitos dessas construções apresentam uma curva ascendente em direção à preferência pela posição pré-verbal, o que se assemelha à curva da evolução da anteposição do sujeito observada por Paixão de Sousa (2004) e Galves e Paixão de Sousa (2005), Cavalcante, Galves e Paixão de Sousa (2010).

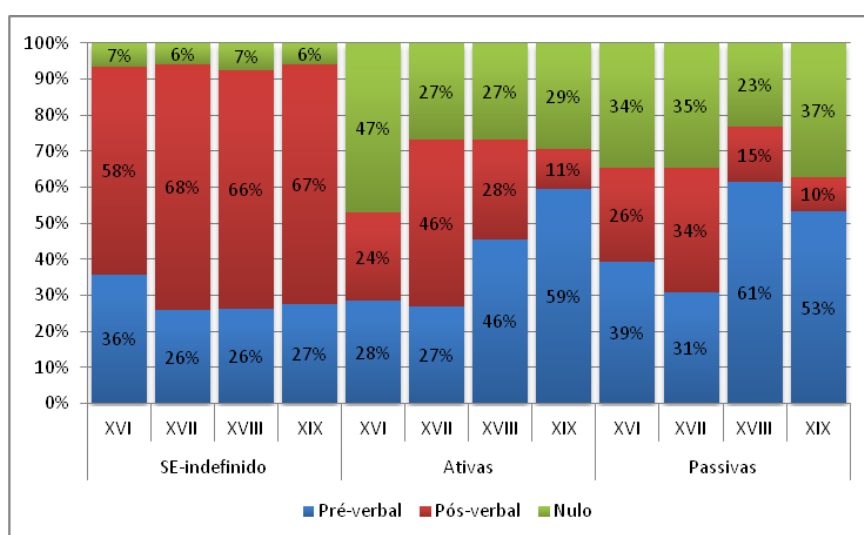


Gráfico 2: Distribuição dos argumentos (Anteposto, Posposto e Nulo) por tipo de construção ao longo do tempo

Com relação à frequência de argumentos nulos, notamos que os índices de argumentos nulos nas construções com SE-indefinido não chegam a 10% em todo período observado; ao passo que os sujeitos das construções ativas e passivas analíticas apresentam índices mais altos.

Tal comportamento pode ser melhor visualizado com o Gráfico 3 a seguir, em que mostro a evolução comparada de argumentos nulos nas três construções ao longo do tempo.

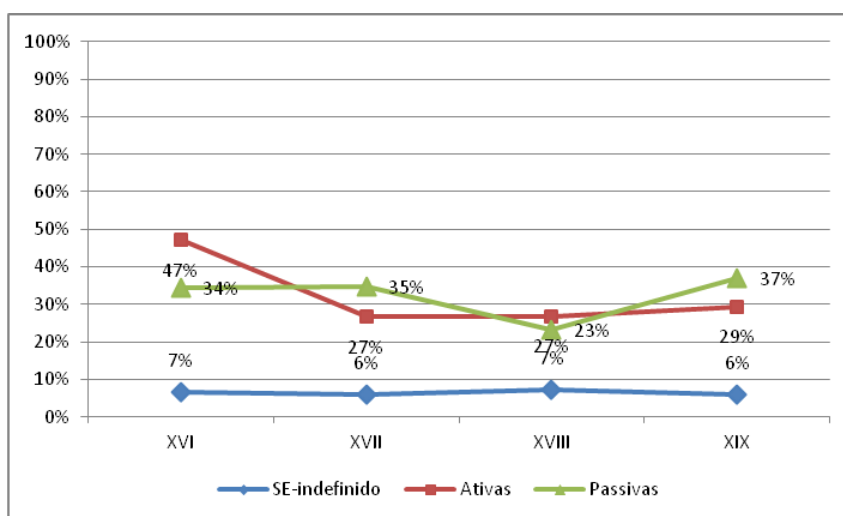


Gráfico 3: Evolução comparada dos argumentos nulos (versus pré-verbais e pós-verbais) ao longo do tempo por século

A comparação da evolução dos argumentos nulos nas três construções permite visualizar com mais clareza a diferente natureza entre o argumento das construções com SE-indefinido e o sujeito das construções ativas e passivas. A frequência média de argumentos nulos ao longo do tempo para as construções com SE-indefinido fica em torno de 7%, ao passo que nas outras construções a média sobe para 30% e 40% (considerando sujeitos nulos vs. pré e pós-verbais). O índice de argumentos nulos nas construções com SE-indefinido se aproxima ao índice de objeto nulo que é encontrado na escrita contemporânea. Em estudo quantitativo sobre a realização do objeto direto e indireto anafóricos na escrita do PE e do PB, Freire (2005) observa que o índice de objeto direto nulo no PE escrito oscila entre 7% e 17%, dependendo da escala [oralidade-letramento]⁷ estabelecida pelo autor, como se vê na Tabela 1 a seguir:

PE	Clítico	SN anafórico	Objeto nulo
[+ oralidade/ – letramento]	86/132 – 0,65	23/132 – 0,17	23/132 – 0,17
[+ oralidade/ + letramento]	109/134 – 0,81	11/134 – 0,08	14/134 – 0,10
[– oralidade/ + letramento]	87/100 – 0,87	6/100 – 0,06	7/100 – 0,07
Total	282/366 – 0,77	40/366 – 0,11	44/366 – 0,12

Tabela 1. Distribuição das variantes do objeto direto no contínuo de oralidade-letramento no PE (adaptado de Freire, 2005: 108)

Em (27) a seguir, trago alguns dos exemplos encontrados por Freire (2005) para o PE contemporâneo:

27. a. Don Mendilairo olhou-o arrogante e perguntou-lhe pela licença de venda no passeio em frente à fachada. O homem não tinha [-]. (PE: Suplemento DNA do Diário de Notícias, 19-02-2000 – Crônica)
 b. “Excêntrico é pouco! Disse-me que um fantasma anda a roubar-lhe coisas do castelo e exige que eu investigue o caso!” “E o senhor vai investigar [-]?” (PE: Disney Especial, n.º 222, outubro de 2004 – História em quadrinhos)
 c. Quando digo isto parece que vou comer lagostas todos os dias e que tenho carros de 18 mil contos. Não tenho [-]. Nem ambiciono [-]. (PE: Suplemento DNA do Diário de Notícias, 04-03-2000 – Entrevista)

⁷ A escala oralidade-letramento estabelecida por Freire (2005) está relacionada aos tipos de textos escritos analisados: os textos mais próximos do eixo oralidade seriam as histórias em quadrinhos e os textos mais próximos do letramento editoriais ou artigos de opinião.

Os primeiros resultados, portanto, parecem indicar que o argumento das construções de SE-indefinido, apesar do padrão de concordância com o verbo, tem comportamento de complemento, pelo menos ao considerarmos a taxa de argumentos nulos ao longo do tempo.

3.2 A Evolução dos Argumentos Pré-verbais ao Longo do Tempo

O Gráfico 4, a seguir, traz a média das frequências de argumentos antepostos ao longo do tempo nas três construções consideradas. Os comportamentos que se apresentam neste Gráfico revelam também dois padrões distintos: de um lado os sujeitos das construções ativas e passivas e de outro os DPs da construção com SE-indefinido.

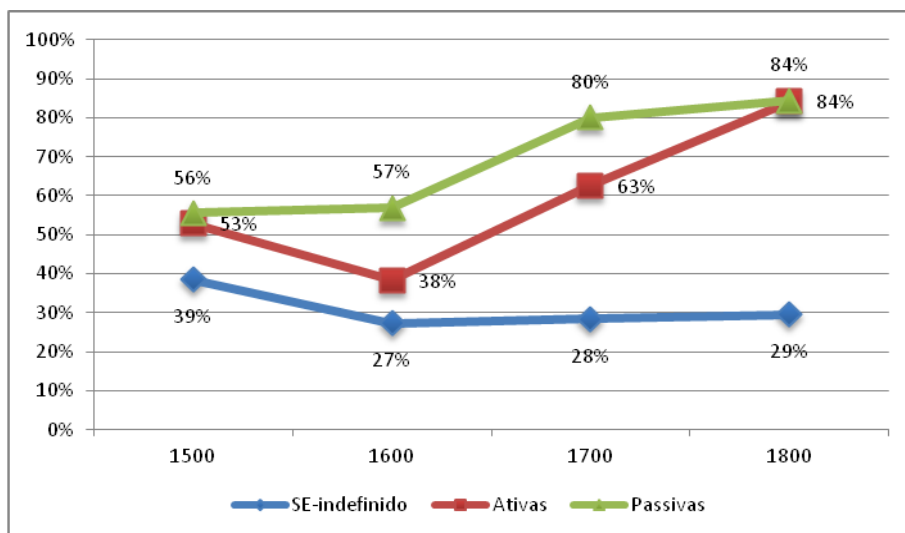


Gráfico 4: Frequência de DP-argumento pré-verbal por tipo de estrutura ao longo do tempo média por século

A frequência dos DPs pré-verbais das construções com SE-indefinido se mantém estável ao longo do tempo, com índices que variam de 20% a 39%, ao passo que a frequência de anteposição dos sujeitos nas construções passivas e ativas não só apresenta índices mais elevados, como também sofre um aumento ao longo do tempo. Entre os séculos XVI e XVII, vemos um comportamento mais próximo entre as passivas e ativas e construções com SE-indefinido com relação aos argumentos pré-verbais. O comportamento desses DPs está consoante com a análise de Galves e Paixão de Sousa (2005) e Cavalcante, Galves e Paixão de Sousa (2010) sobre a natureza da posição à esquerda da sentença no Português Clássico: até o século XVIII, a posição à esquerda do verbo não é a posição do sujeito, mas sim o sítio de pouso de elementos fronteados e topicalizados. A mudança ocorre a partir do século XVIII em que a posição à esquerda do verbo é a posição de sujeito e isso pode ser visto com o comportamento quantitativo dos dados em que a frequência de SV aumenta ao longo do tempo.

Essa mudança, no entanto, não afeta as construções com SE-indefinido: vemos que os índices de DPs antepostos nesse casos são sempre mais baixos do que os índices de sujeitos antepostos e a curva sugere uma variação estável. Esse comportamento pode ser utilizado como mais um diagnóstico para afirmar que essas construções são ativas e o DP argumento interno tem comportamento de complementos.

3.3 A Presença do Agente da Passiva nas Construções com SE e nas Passivas Analíticas

A presença do agente da passiva nas construções com SE tem sido utilizada como um diagnóstico para estarmos diante de uma construção passiva.

Julio Moreira, nascido na segunda metade do século XIX, afirma em sua Gramática que “na linguagem moderna esta sintaxe é mais rara – ao contrário do que sucede em espanhol – sem que todavia deixe de encontrar-se bastantes vezes, como neste passo que há dias li num jornal: ‘Foi numerosa a concorrência hoje ao concurso hípico, em que *se disputou* o grande prêmio de Lisboa por 41 cavaleiros’”. Naro (1976) afirma que foi o caráter facultativo do agente da passiva que facilitou a reanálise das construções com SE-passivo em construções ativas. A comparação das taxas de presença do agente da passiva nas construções com SE e nas passivas analíticas pode dar suporte quantitativo para a análise defendida neste artigo: que as construções com SE-indefinido são construções ativas com um sujeito arbitrário/genérico identificado pelo clítico SE. Vejamos esse comportamento com os dados da Tabela 2 a seguir:

Construção	PP Agente	XVI	XVII	XVIII	XIX	Total
SE-indefinido	Ausente	193 0,99	227 0,99	506 0,99	67 1	993 0,99
	Presente	1 0,01	3 0,01	5 0,01	0 0	9 0,01
	Total	194	230	511	67	1002
Passivas	Ausente	53 0,77	28 0,88	36 0,67	38 0,69	155 0,74
	Presente	16 0,23	4 0,13	18 0,33	17 0,31	55 0,26
	Total	69	32	54	55	210

Tabela 2: Distribuição dos PPs agente da passiva por tipo de construção (média por séculos)

Podemos ver com a distribuição das ocorrências expressa na Tabela 2 uma diferença entre a presença de agente da passiva nas construções passivas analíticas e construções com SE: mesmo sendo facultativo, o percentual de agente da passiva é muito mais alto nas passivas analíticas do que nas construções com SE. Nas construções passivas analíticas, a presença do agente oscila entre 13% e 33%, nas sentenças matrizes, como mostram os exemplos em (28):

28. a. Os livros de Aristóteles **foram levados** a França no século treze pelos Franceses, que tinham ido a Constantinopla. (M. Aires, n. 1705)
 b. **É sabido de todos** o movimento que houve depois de os generais ingleses tomarem o comando de as forças aliadas. (Marques de F. e Alorna, n. 1802)

Essa relação, entretanto, não é observada na presença do agente da passiva nas construções com SE: de um total de 993 sentenças com SE, somente 9 (1%) apresentaram o agente da passiva. O percentual é tão baixo, que não é possível falar em variação, mudança ou estabilidade ao longo do tempo: os índices de presença do agente da passiva chegam a no máximo 1%. Em (29) apresento alguns dos exemplos encontrados no *corpus* com a presença de agente da passiva nas construções com SE:

29. a. **Prova-se** esta representação dos descendentes em Portugal pela Carta patente delrey Dom Affonso em que ordena lhe succeda o filho, ou filha do Principe seu primogenito, e não seus segundos filhos, o que tem força de ley, e direito por assim o declarar o mesmo Rey. (Manuel da Costa, n. 1601)
 b. Os mais guerreiros Reys do mundo **se ajudarão de estranhos**, que sempre são mais comparados connosco (Manuel da Costa, n. 1601).
 c. Um secretário de um Bispo, ou Cardeal, ou Fidalgo, ou Desembargador, etc, governa-se por uma pura tradição, ou porque assim viu alguma carta, sem mais conhecimento da matéria. (Verney, n. 1713)
 d. Mas os X, e principalmente os Portugueses, **governam-se por outros princípios**. (Verney, n. 1713)

Podemos afirmar que o agente da passiva nas construções com SE se configura como um “fóssil” linguístico, consoante a análise de Martins (2003) para o fenômeno: agora com um amplo *corpus* é possível observar a produtividade dessas construções e verificar como são de fato “fósseis” na língua; provavelmente, desde o século XVI. Com relação à questão da mudança, podemos afirmar que esses dados corroboram as análises de Naro (1976) e Martins (2003) sobre a mudança de SE-passivo para SE-indefinido que tenha se dado antes do século XVI.

4. INTERPRETANDO OS RESULTADOS

Vou considerar os resultados apresentados aqui de duas maneiras diferentes: (1) qual a motivação para a reanálise (de passiva para ativa)? e (2) como as construções com SE-indefinido estão relacionadas às construções de sujeito oblíquo do Islandês? Essas construções podem mostrar propriedades relacionadas à natureza da GU?

Com relação à motivação para a reanálise, Naro (1976) propõe que a ordem linear SUBJ-V-OBJ das sentenças ativas (mais frequentes que as sentenças passivas) tenha sido o gatilho para interpretar as sentenças com ordem NP1 V-SE NP2 como ativas. Em outras palavras: a possibilidade de o SE aparecer antes do verbo (próclise), como os sujeitos das sentenças ativas, e a possibilidade de o sujeito em sentenças de SE-passivo aparecer depois do verbo, como um DP objeto das sentenças ativas, constituíram motivação para a reanálise.

O problema dessa proposta é que, de acordo com Naro (1976), os sujeitos pós-verbais do século XVI são interpretados como um recurso de ênfase – como no PE moderno – e que a próclise ocorre “ocasionalmente”, como no PE moderno. Entretanto, as pesquisas recentes têm revelado que a gramática do século XVI se caracteriza por uma alta frequência de sujeitos pós-verbais, em comparação com sujeitos pré-verbais (como mostrei no Gráfico 1); por índices de próclise mais altos do que de ênclise em contextos de variação (Galves, Britto e Paixão de Sousa 2005). Assim, a ordem linear não parece ser um bom diagnóstico para a reanálise.

Nesse sentido, qual seria a motivação para a reanálise (de construções passivas para ativas)? A resposta parece poder ser encontrada no comportamento dos sujeitos: a gramática do século XVI tem preferencialmente sujeitos pós-verbais (com relação aos sujeitos pré-verbais), em sentenças ativas e passivas. As taxas mais altas de argumentos pós-verbais nas construções de SE-indefinido nos textos de autores nascidos entre os séculos XVI e XVII podem ser uma mistura de construções SE-passivo (com sujeito pós-verbal) e com SE-indefinido (com objeto pós-verbal), já que era possível uma ordem ou outra. Desse modo, quando a mudança envolvendo os sujeitos ocorre, ela vai afetar somente as sentenças cujo DP é um sujeito (isso poderia explicar as pequenas taxas de PP argumento externo ao longo de quatro séculos).

De fato, para as construções com SE, a ordem superficial em termos de Caso não mudou, porque o Português (tanto o Clássico quanto Português Europeu) não tem NPs marcados com Caso morfológico: a construção de SE-passivo era similar a uma construção ativa ou passiva:

- 30.a. Enterrou-se [o seu corpo]_{SUBJ} (leitura passiva)
- b. Foi enterrado [o seu corpo]_{SUBJ}
- c. Também ali se reuniam [os magnates do sítio]_{SUBJ}

A diferença reside na interpretação e não no sistema de marcação de Caso:

- 31. Enterrou-se [o seu corpo]_{NOM} (leitura indefinida)
“alguém enterrou o seu corpo”

A mudança de uma construção com SE-passivo para uma construção com SE-indefinido afetou a interpretação dos argumentos, não o sistema de marcação de Caso: uma sentença como (30a) agora é interpretada como (31), de modo que não é possível o argumento externo aparecer como um PP, porque ele aparece como o clítico SE, que possui traços de Pessoa [humano, indefinido] e carrega o papel temático externo.

No que toca a relação entre as construções de SE-indefinido e as construções de sujeito oblíquo do Islandês, o comportamento estatístico dessas construções na história do português são os argumentos mais fortes em favor dessa análise. Retomemos as hipóteses levantadas acima para ver se são compatíveis com os resultados quantitativos:

1. As construções de SE-indefinido não envolvem movimento de um DP para a posição de sujeito, mas sim para a posição de tópico (Raposo e Uriagereka 1996):

Isso pode ser mostrado com o comportamento diferente de sujeitos (em sentenças ativas e passivas) e os objetos-nominativo (das construções de SE-indefinido) na história do português. A ordem SV aumenta ao longo do tempo, enquanto nas construções com SE-indefinido a ordem preferencial é VO.

2. O PE tem uma posição-F disponível acima a posição de sujeito que é responsável pela força ilocucionária da sentença (Uriagereka 1995):

No Português Clássico só há uma posição pré-verbal disponível, para onde se movem os XPs topicalizados, sejam sujeito ou objeto. Desse modo, ao longo dos séculos XVI e XVII, podemos ver um comportamento paralelo no que tange aos sujeitos pré-verbais (de sentenças ativas e passivas) e os objetos-nominativos (de sentenças de SE-indefinido). O PE, por outro lado, tem uma posição-F disponível acima da posição de sujeito e isso pode ser visto com o aumento acentuado na taxa de sujeitos pré-verbais em comparação com os objetos-nominativo das construções de SE-indefinido.

3. O *se* é um pronome, tem um traço de pessoa e é capaz de valorar o traço de pessoa de T (D'Alessandro 2003), (Sigurdsson 2004).

O SE-indefinido do Português é igual o *si*-impessoal do Italiano e possui traços [humano, indefinido] e pode receber uma leitura inclusiva ou uma exclusiva, dependendo do Tempo e Aspecto do predicado.

4. Esse traço de Pessoa no PE é forte o suficiente para satisfazer o EPP em [Spec, T]:

Isso pode explicar o fato de as construções com SE se assemelharem às construções de sujeito oblíquo do Islandês, em que o SE vai para posição de sujeito para satisfazer o EPP. Isso também poderia explicar as construções de duplo sujeito do português dialetal (Martins 2003).

E finalmente, o ponto de partida para a minha análise foi a proposta de Raposo e Uriagereka (1996), mas aqui proponho uma modificação em como o Caso do DP argumento interno (ou objeto nominativo) seja checado: para Raposo e Uriagereka, o DP objeto se move para a posição de [Spec, F] e checa Caso nominativo em F.

Além disso, para os DPs pós-verbais, Raposo e Uriagereka propõem movimento somente de traços formais para checagem do Nominativo. Essa análise, entretanto, não parece ser compatível com os dados quantitativos (argumentos pós-verbais são mais frequentes do que argumentos pré-verbais). Diferentemente, proponho que a checagem de traços de Caso se dê numa relação de Agree entre o núcleo T e o DP pós-verbal, como são as construções de objeto nominativo do Islandês (Sigurdsson 2004, 2009). O movimento do DP argumento interno para [Spec, FP] seria motivado para satisfazer a força ilocucionária da sentença, como qualquer outro tipo de topicalização de objeto. Isso explicaria porque nas construções de SE-indefinido as taxas de argumentos pré-verbais são mais baixas do que pós-verbais: porque os argumentos pré-verbais possuem uma proeminência discursiva que motiva o seu movimento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O comportamento dos dados considerando a comparação da posição do sujeito em sentenças ativas e passivas e o do DP nas construções com SE-indefinido mostrou um novo caminho que pode ser traçado para explicar essas construções na diacronia do português, principalmente pela associação da descrição a partir de um grande número de dados ao longo de quatro séculos a uma teoria gramatical. As análises teóricas desenvolvidas costumam ter como embasamento a possibilidade de determinada estrutura ocorrer na língua; as análises quantitativas partem da frequência de uso de determinada estrutura em relação a outra. Entretanto, é importante considerar tanto a possibilidade quanto a probabilidade de determinada estrutura ocorrer num *corpus* para ter certeza se estamos diante de gramáticas distintas. Nas palavras de Galves (1998: 80):

Duas Línguas-I serão consideradas diferentes se contêm na sua parametrização pelo menos um parâmetro fixado diferentemente. Quando isso ocorre, não só as duas gramáticas produzem enunciados diferentes, mas também atribuem a enunciados superficialmente idênticos (por exemplo no arranjo dos constituintes) estruturas diferentes.

O que procurei mostrar aqui é que o padrão de ordem linear do DP das construções de SE-indefinido, mesmo com concordância entre o verbo e o argumento interno, comparado com o padrão do sujeito é que pode ser tomado como um diagnóstico mais preciso para o caráter ativo dessas construções. Os DPs sujeito se comportam como sujeitos e são afetados pela mudança que afeta os sujeitos, como mostram as curvas de mudança de um padrão preferencialmente VS para um padrão SV. Além disso, os DPs podem ser nulos numa língua de sujeito nulo. Os DPs das construções de SE-indefinido apresentam índices baixos de anteposição e de argumento nulo, próximos dos índices de objeto nulo.

Nesse sentido, esses resultados quantitativos corroboram análises teóricas, principalmente a de Raposo e Uriagereka (1996), que propõem que o DP argumento interno seja de fato um objeto que checa Caso Nominativo. Isso é importante, pois tem consequências para a maneira como a mudança linguística é encarada.

Proponho aqui que, na verdade, depois que ocorre a mudança de passiva para ativa nas construções com SE (que pode ter ocorrido em época anterior aos dados do CTB), o que vemos nos dados entre os séculos XVI e XVII é o resultado de duas gramáticas em competição (Kroch 1989) (Pintzuk 2003): uma gramática de SE-passivo e uma gramática de SE-indefinido. A gramática do século XVI caracteriza-se pela preferência por sujeitos pospostos.

Se compararmos os índices de (X+O)VS do gráfico 1 (43%) com os índices de DPs pré-verbais nas construções com SE do gráfico 4 (39%), podemos considerar que pelo menos no século XVI as construções com SE se aproximam das construções com topicalização de objeto.

A estabilidade que se vê nos dados de SE-indefinido desde o século XVI também pode indicar que a mudança já tenha ocorrido antes: preferência por posposição sobre a anteposição, baixos índices de objeto nulo, escassos casos de agente da passiva. A mudança que ocorre a partir do século XVIII tem consequências somente nas sentenças envolvendo a posição de sujeito, e não nas sentenças envolvendo topicalização ou fronsentamento de objeto.

Neste trabalho, procurei associar as análises teóricas dentro do Programa Minimalista para as construções com SE ao seu comportamento ao longo do tempo nos dados do Corpus Tycho Brahe, em comparação com o comportamento dos sujeitos ao longo do tempo. As diferenças que aparecem nos padrões estatísticos de argumentos pré-verbais, pós-verbais e nulos permitiram:

1. contribuir para o entendimento da mudança linguística que ocorre do SE como um morfema passivo para o SE como um argumento e, por um lado, corroborar a análise de Naro (1976) sobre a provável data da reanálise e, por outro lado, discutir como se deu essa reanálise contrapondo não só o comportamento das construções com SE como também o comportamento dos sujeitos ao longo do tempo no mesmo *corpus*;
2. propor uma análise teórica para as construções com SE que dê conta do comportamento estatístico dos dados associando a proposta de Raposo e Uriagereka (1996) sobre a motivação de um núcleo F(orce) com a de D'Alessandro (2003) sobre a maneira como o objeto checa Caso nominativo.

Ao final, ainda há perguntas a responder que envolvem as construções com SE-indefinido: verificar o estatuto informacional dos argumentos pré-verbais nas construções com SE em comparação com os argumentos pós-verbais, principalmente nos séculos XVI e XVII; aplicar a mesma metodologia quantitativa para as sentenças encaixadas (finitas e não-finitas) de modo a poder ter uma análise teórica mais relacionada com comprovação empírica.

Referências

- Cavalcante, Silvia Regina de Oliveira. 2009. Mudança linguística e análise gramatical: o caso do pronome SE nos gramáticos dos séculos XVI a XIX, em M. B. Abaurre, C. Pfeiffer e J. Avelar, (orgs.), *Fernão de Oliveira: Um Gramático na História*, Campinas, Pontes: 249-268.
- Cavalcante, Silvia Regina de Oliveira; Charlotte Galves e Maria Clara Paixão de Sousa. 2010. Topics, Subjects and Grammatical Change: From Classical to Modern European Portuguese. Trabalho apresentado em *Grammatical Change and the Expression of Subjects Conference*, Universität Regensburg, Regensburg.
- Chomsky, Noam. 1995. *The Minimalist Program*, Cambridge, Mass. MIT Press.
- Chomsky, Noam. 1999. Derivation by phase, *MIT Occasional Papers in Linguistics* 18, Cambridge, Mass.: MITWPL.
- Chomsky, Noam. 2000. Minimalist inquiries: the framework, em R. Martin et al. (eds) *Step by Step*, Cambridge, Mass., MIT Press: 89-155.
- Cinque, Guglielmo. 1988. On si constructions and the theory of arb, *Linguistic Inquiry* 19: 521-581.
- Cyrino, Sonia. 2007. Construções com SE e promoção de argumento no português brasileiro: uma investigação diacrônica, *Revista da ABRALIN*, 2: 85-116.
- D'Alessandro, Roberta. 2003. On quirky subjects and the person restriction in Icelandic and Italian, em M. van Koppen, J. Sio e M. de Vos (eds.), *Proceedings of ConSOLE XI*, Leiden, SOLE Publications: 1-16.
- Dobrovie-Sorin, Carmen. 1998. Impersonal si Constructions in Romance and the Passivization of Unergatives, *Linguistic Inquiry* 29: 399-437.
- Freire, Gilson. 2005. *A realização do dativo e do acusativo anafóricos de terceira pessoa na escrita brasileira e lusitana*, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Inédita.
- Galves, Charlotte. 1998. A gramática do português brasileiro, *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, 1: 79-98.
- Galves, Charlotte; Helena Britto e Maria Clara Paixão de Sousa. 2005. The change in clitic-placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*, 1: 39-67.
- Galves, Charlotte e Maria Clara Paixão de Sousa. 2005. Clitic placement and the position of subjects in the history of European Portuguese, em T. Geerts, I. van Ginneken e H. Jacobs. (orgs.), *Romance Languages and Linguistic Theory 2003: Selected Papers from 'Going Romance' 2003*, Amsterdam/ Philadelphia, John Benjamins: 97-113.

- Kroch, Anthony. 1989. Reflexes of grammar in patterns of language change, *Language, Variation and Change*, 1: 199-244.
- Manzini, Maria Rita. 1986. On italian *si*, em Hagit Borer (org.) *Syntax and semantics: the syntax of pronominal clitic*, New York, Academic Press: 241-262.
- Martins, Ana Maria. 2003. Construções com *se*: mudança e variação no português europeu, em Ivo Castro e Inês Duarte (eds.), *Razões e Emoções: Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda: 163-178.
- Mateus, Maria Helena Mira *et al.* 2003. *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- Naro, Anthony. 1976. The Genesis of the Reflexive Impersonal in Portuguese: A study in syntactic change as a surface phenomenon, *Language* 52: 779-811.
- Nunes, Jairo. 1990. *O famigerado SE: uma análise sincrônica e diacrônica do se apassivador e indeterminador*, Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Inédita.
- Pintzuk, S. 2003. Variationist approaches to syntactic change, em B. D. Joseph e R. Janda, (eds.) *The handbook of historical linguistics*, Oxford, Blackwell: 509-528.
- Raposo, Eduardo e Juan Uriagereka. 1996. Indefinite SE. *Natural Language and Linguistic Theory*, 4: 749-810.
- Sankoff, David, Sally Tagliamonte e Eric Smith. 2005. *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*, Department of Linguistics, University of Toronto.
- Sigurdsson, H. 2004. Icelandic non-nominative subjects: facts and implications, em Peri Bhaskararao e K. V. Subbarao (eds) *Non-nominative Subjects*, Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins: 137-159.
- Sigurdsson, H. 2009. Language Quarks. *Iberia: An International Journal of Theoretical Linguistics*, 1: 169-183.
- Uriagereka, Juan. 1995. An F Position in Western Romance, em K. É. Kiss (ed.), *Discourse configurational languages*, Oxford, OUP: 153-175
- Corpus Anotado do Português Histórico - Corpus Tycho Brahe
<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/>